

**Cartografia de saberes:
novas reflexões sobre os caminhos metodológicos
do turismo no Círio de Nazaré**

DOI: 10.2436/20.8070.01.61

Renato dos Santos Lima

Mestre em Turismo e Hospitalidade pela Universidade de Caxias do Sul, Brasil.

E-mail: renato_lima21@hotmail.com

Maria Luiza Cardinale Baptista

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Brasil.

Professora da Universidade de Caxias do Sul, Brasil.

E-mail: malu@pazza.com.br

Resumo

O presente artigo apresenta a Cartografia de Saberes como um dos caminhos da pesquisa em turismo, envolvendo a festividade religiosa Círio de Nossa Senhora de Nazaré, de Belém do Pará, objeto este que veio sendo pesquisado no Mestrado em Turismo e Hospitalidade, na Universidade de Caxias do Sul. Trata-se de uma produção vinculada ao Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (UCS/CNPq). O texto apresenta um desdobramento do artigo 'reflexões sobre os caminhos metodológicos do Turismo no Círio de Nazaré', apresentado no 13º Seminário Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), como também, os caminhos que foram percorridos, para a construção da dissertação intitulada 'Turismo, Hospitalidade e Amorosidade: os sujeitos-devotos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará'. Em termos teóricos, o artigo busca refletir novas possibilidades de (re)desenhar os caminhos do turismo, a partir de uma abordagem qualitativa, exploratória e com uso da estratégia metodológica da Cartografia de Saberes, que envolve práticas investigativas contemporâneas, transdisciplinar e, portanto, estratégicas para a pesquisa em Turismo. Nesse sentido, pode-se afirmar o reconhecimento do caráter complexo e multifacetado do evento que vem sendo analisado, indicou a necessidade da construção de uma estratégia plural, a partir de múltiplos recursos que levaram a uma nova reflexão dos caminhos que devem ser buscados para se analisar o Círio de Nazaré.

Palavras-chave: Cartografia de Saberes; Turismo; Caminhos Metodológicos; Círio de Nazaré.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é construído a partir do desdobramento do artigo 'reflexões sobre os caminhos metodológicos do Turismo no Círio de Nazaré', apresentado no 13º

Seminário Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), em 2015, como também, dos caminhos que foram percorridos para a construção da dissertação intitulada ‘Turismo, Hospitalidade e Amorosidade: os sujeitos-devotos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará’, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul/RS.

É importante evidenciar que nas considerações apresentadas no artigo acima intitulado, pôde-se perceber que a festividade em homenagem a Santa Maria ou Virgem Maria na cidade de Belém do Pará, está fortemente vinculada à forma de manifestar a cultura popular do povo paraense e, conseqüentemente, com a própria identidade cultural religiosa vivente na cidade. Esta manifestação pode vir a impulsionador o turismo, especialmente o proposto para um viés religioso, de significativa repercussão em termos nacional e internacional, como o que é desenvolvido durante o Círio de Nazaré.

A ideia do imaginário turístico e religioso da cidade de Belém permite (re)pensar o Círio de Nazaré como a maior representatividade do dogmatismo religioso na região, uma vez que as manifestações religiosas católicas, vivenciadas durante a festa, expressam um sentimento de pertença do sujeito (o devoto) com a cidade e, um impacto de admiração nos que visitam (o turista) a localidade durante as festividades, pois o cenário apresentado na região é de Nossa Senhora de Nazaré, personificada em Rainha da Amazônia e, Belém como a capital da fé Mariana no Brasil. (PORTAL CÍRIO DE NAZARÉ, 2015).

Visto isso, acredito que o aprofundamento da discussão sobre o turismo, pautando-se pelo campo metodológico, pode vir a ser uma nova e instigante forma de (re)caminhada. Nesse aspecto, é que foi apresentado como proposta inicial a discussão do artigo, já mencionado, no referido evento, como um sinalizador para futuras pesquisas. Agora, apresenta-se o desdobramento dessa caminhada metodológica, buscando uma nova reflexão para o percurso de desenvolvimento da pesquisa e as suas principais análises teórico-científico, contribuindo com os acadêmicos e/ou pesquisadores da área, para uma nova busca pelo saber epistemológico.

2 TURISMO A SER (RE)PENSANDO

Proponho (re)desenhar, para o melhor entendimento, os caminhos do Turismo. Percebe-se, nas leituras voltadas à temática turística, que o seu surgimento foi vinculado a uma prática humana que envolvia movimentação de pessoas chamadas de nômades, viajantes, visitantes, turistas, excursionistas e peregrinas.

Assim, pensar o turismo hoje é voltar-se a uma complexa trama de olhares, que se debruça por um caminho cheio de entrelaçamentos que se ‘costuram’ em um meio social. Trata-se de uma trama envolta de um fenômeno multi-inter-transdisciplinar, que se desloca como em uma viagem, através de percurso de conceitos, definições, debates. Ou seja, constituindo-se, assim, na busca de saberes epistemológicos da área.

Como isso, alinhar os pressupostos para ‘costura’ dos alicerces científicos corresponde a um processo complexo. Uma vez mencionado o nó conceitual, tem-se uma complexa trama de olhares que direciona para as “[...] multiplicidades de abordagens dos mais conceituados autores.” (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014, p.127). Isso faz com que a discussão, ao invés de apenas instigante, desafiadora e de profunda transformação da realidade, torne-se, muitas vezes, difícil e com pouca aplicabilidade pelos pesquisadores.

Moesch (2004) corrobora, em seu trabalho, ao dizer que “Inexiste clareza epistemológica para a construção de teorias turísticas dentro da academia”. E segue, em seu entendimento, dizendo que a lógica da “tradição cartesiana, predominante no saber científico”, leva ao distanciamento, ou seja, a uma “separação, do todo, em categorias, pressupondo que um campo do saber é suficiente para analisar e organizar as partes constituintes deste todo.” (MOESCH, 2004, p. 34-35).

Tendo como base o exposto, e levando em consideração que “a definição de Turismo não é um ponto de partida, mas resultado de um processo interpretativo teórico” (MOESCH, 2004, p. 27), entendo ser necessário, para que se compreenda o percurso da viagem que se faz a Belém, explicar como iniciou o (re)conhecimento do turismo, para a produção deste trabalho.

Sempre tive em mente que o Turismo, que conhecia até pouco tempo, era uma atividade econômica, pautada exclusivamente por uma visão agregada a um valor na produção de bens e serviços, onde o que mais importava, era “[...] o encontro e a relação entre a oferta de produtos e serviços turísticos e a demanda, individual ou coletiva, interessada e motivada pelo consumo e uso destes produtos e serviços.” (BRASIL, 2010a, p. 15). Isso tudo para potencializar seus recursos, visando movimentar e dinamizar a economia local.

Nunca refleti - até pelo fato de não ter sido ensinado a pensar de outra forma - que a visão que caminhou comigo, até pouco tempo, recheada de lacunas, poderia ser transcendida. Observo que hoje, isso é feito, não a excluindo, mas, agregando-a, em um sentimento pulsante que me desloca para (re)pensar como essa ‘atividade’, vista no início, poderia caminhar em uma relação de cumplicidade com o estudo do Círio de Nazaré.

Não quero com isso dizer que a atividade turística não contribuiu ou não contribui para o cerne da discussão, alusiva a saberes do campo acadêmico. Sim, contribuiu, e muito.

Venho percebendo que a construção conceitual do Turismo inicialmente era sustentada pela ideia de permanência, seja ela nacional ou internacional, em um contexto de tempo e na utilização de serviços. Hoje, pauta-se por uma busca de (re)conhecimento das possibilidades, diria, ‘inscriacionais’, “[...] para representar os acionamentos desejantes do sujeito, no sentido de investig[ações], que permitam inscrever, criar e produzir ações voltadas a devires conhecimentos, pesquisas, devires processos no Turismo.”. (BAPTISTA, 2014a, p. 344-345).

O que quero dizer com isso? Hoje as produções acadêmicas buscam (re)desenhar o contexto turístico, não mais somente pelo fator econômico, mas pela multiplicidade de atravessamentos que o turismo apresenta, no que tange a uma movimentação do conhecimento sociofilosófico, cultural, político, religioso, ambiental, econômico, enfim, envolvendo pressupostos que se multiplicam no conhecimento e ‘costuram-se’, em busca de averiguar a movimentação impulsionante dos sujeitos.

Assim, para que se compreenda melhor essa movimentação, é necessária a apresentação dos pesquisadores que dialogam na discussão, mesmo que sejam estudiosos já conhecidos. Permita-me, então, identificá-los neste trabalho.

A construção aqui se alinha, inicialmente, pela concepção vista por Beni (2008), que apresenta o turismo como uma “ciência humana e social, ainda que seus efeitos econômicos sejam os que mais se destacam” (BENI, 2008, p. 41). Caminha para a análise do turismo, pautando-se por uma discussão a partir de uma proposta que esse autor denominou de Sistema de Turismo (SISTUR), e tem como objetivo “organizar o plano de estudo da atividade de Turismo [...] justificar posturas e princípios científicos,

aperfeiçoar e padronizar conceitos e definições, e consolidar condutas de investigação [...]” (BENI, 2008, p. 45).

Com isso, o SISTUR, direciona o olhar do pesquisador na construção de pressuposto e na busca por mecanismos de análise do turismo, para estruturar o estudo, em uma relação entre o ambiente natural, cultural, social e econômico, permitindo, assim, “[...] visualizar três grandes conjuntos: o das Relações Ambientais, o da Organização Estrutural e o das Ações Operacionais.” (BENI, 2008, p. 45).

A estrutura apresentada por Beni (2008), seguindo a lógica do sistema, ajuda a compreender o engendramento dos elementos constituintes do turismo, uma vez que possibilita, entre os pesquisadores, a discussão de ampliar a visão envolta da temática turística.

Faz-se necessário ressaltar que a multiplicidade de elementos, que perpassa o turismo, estrutura-se por uma prática humana, que direciona a sentimentos, desejos, vontades, culturas, religiosidades, experiências, que podem, por sua vez, não serem relacionados, utilizando, somente, a análise do sistema; precisando, com isso, de outros elementos, para contribuir na construção dos caminhos pela busca de saberes turístico.

Panosso Netto (2005) corrobora, afirmando que, “o turismo não nasceu de um deslocamento escrito, de uma teoria, mais sim de uma prática humana [...] de sujeitos que experienciaram algo diferente do que estavam acostumados a experienciar [...]” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 31). Assim, deve haver uma interação entre as áreas, galgando-se os caminhos à construção do conhecimento.

O autor reflete, dizendo que o turismo é uma construção de ‘experiências’ do turista. Essas experiências se desenvolvem através de construtos da relação, uma vez que o turista vai criando, internamente, desejos, vontades, uma relação afetiva com a viagem, e assim, o deslocamento pode ser desenvolvido “nos momentos que antecipam o ato do turismo e nos momentos que se seguem após o ser turista ter empreendido a viagem.” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 29).

Conforme enfatiza Panosso Netto (2005), essa relação é “complexa e conflituosa e dificulta a definição do termo turismo; assim, qualquer definição do termo deve levar em consideração essa dicotomia turista-não-turista” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 30), para, com isso, entender que ele, o turismo, parte de um fenômeno que tem na experiência sua principal expertise.

Quando se pensa uma viagem, não se pensa somente do ponto de vista do ato de viajar, de se deslocar de um lugar para o outro, mas pensa-se, também, na relação que se constrói em torno de toda a viagem (no antes, durante e depois). Como o próprio autor infere, “o ser torna-se turista pela experiência; o ser não é turista pela experiência; o ser considera-se turista pela experiência, e o ser deixa de ser turista pela experiência.” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 30).

Então Panosso Netto (2005) destaca, após essa relação, que se pode compreender o turismo, também, “como a busca da experiência humana, a busca da construção do ‘ser’ interno do homem, fora do seu local de experiência cotidiana.” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 30). Isso ocorre, não necessariamente durante o deslocamento, visto como viagem, uma vez que, independentemente do ato que esteja sendo desenvolvido, o ser humano rememora experiências vividas, independentes de fatores de cronológicos.

Essa premissa, pautada na experiência, começa a pulsar em meu pensamento indo de encontro com a lógica de turismo como uma atividade de mercado. Como poder-se-ia atrelar o turismo somente a um valor econômico, uma vez que existe uma

multiplicidade de elementos, que se modificam nas diferentes expectativas, crenças e sentimentos?

Penso, portanto, que quando alguém se desloca, acionam-se sensações e sentimentos em torno de um ambiente, que pode ser conhecido, ou não, fazendo como que através de uma espécie de ‘costura’, entre o ser turista e o fenômeno do turismo, configure-se uma “[...] complexa e imbricada relação de intercâmbio de bens e serviços e de desejos objetivos e anseios subjetivos construídos por esse ser-turista-humano para si e de si mesmo.” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 30).

É preciso, no meu entender, estabelecer então, um novo desenho da compreensão de turista. Não mais igual aos outros, categorizado, mas, voltado, para a sua identificação como alguém que se desloca, pautado pela experiência, e que se relaciona a um desejo, que pode ser comum ou não, de caminhar por locais antes não sentidos ou, mesmo, de atrelar novos significados aos locais já visitados.

O papa João Paulo II, em seu discurso em homenagem à Jornada Mundial do Turismo, em 1982, enfatizou que o Turismo é um “fenômeno social” e, como tal, precisa ter uma aproximação com o “[...] objetivo de construir aquela paz que é fruto do respeito e do amor pelos irmãos, por meio da cristã coerência de intenções e iniciativas.” (JOÃO PAULO II, 1982). Anos depois, ele destacou a ideia a um processo de evangelização, que se pauta como “[...] um providencial espaço de encontro e uma preciosa ocasião de solidariedade” (JOÃO PAULO II, 2000), não desconsiderando o turismo como um fenômeno.

Nessa ideia de turismo, pautada por um fenômeno, Gastal e Moesch (2007) referem-se à movimentação desenvolvida como “um campo de práticas histórico-sociais”, onde os sujeitos, movidos por um olhar de ‘estranhamento’ se distanciam da rotina habitual, não só em uma viagem, mas também dentro da própria cidade em que residem, para se permitirem desenvolver um “[...] deslocamento coberto de subjetividade, que possibilita afastamentos concretos e simbólicos do cotidiano, implicando, portanto, novas práticas e novos comportamentos diante da busca do prazer.” (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 11).

A ideia expressa parte da sensação vivenciada, ao se deslocar, até mesmo, por ambientes já conhecidos, familiares e corriqueiros. Trata-se de situações em que o sujeito experiencia uma nova forma de se envolver com o meio em que caminha, fazendo com que ele venha “[...] parar e a re-olhar, a repensar, a reavaliar, a ressignificar não só a situação, o ambiente, as práticas vivenciadas naquele momento e naquele lugar, mas muitas das suas experiências passadas.” (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 11).

O estranhamento, discutido pelas autoras, não se relaciona com o “[...] tamanho da distância percorrida, mas da mobilização afetiva desencadeada.” (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 12). Isso leva a inferir que o sujeito, com um novo olhar, desloca-se diferentemente, permitindo-se, em uma rede de “valores simbólicos”, a novas sensações, cheiros, vivências.

Todo esse processo pode ressignificar a cidade em que se vive e/ou visita; o bairro antes apenas (per)corrido; a rua que somente era utilizada como meio de passagem ou travessia; e, até mesmo, a sua própria casa, dentro de uma (re)construção “simbólica”, de si com o meio. “Por essa razão o Turismo se constitui em um fenômeno sociocultural de profundo valor simbólico para sujeitos que o praticam.” (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 12).

Corroborando, Gastal (2005) destaca essa prática de deslocamento, desenvolvida pelo sujeito, ao se permitir olhar para um ambiente, antes visto como comum. Explica

que, pelo estranhamento e seu valor simbólico, o sujeito permite sair das “[...] suas rotinas espaciais e temporais por um período de tempo determinado [...] não regularmente, para o mesmo destino” (GASTAL, 2005, p. 12), o que pode ser considerado como uma movimentação conhecida como turismo.

Para apresentar a ideia de deslocamento, a autora recorre a perspectivas das “imagens e imaginários”, que se desenham como um quadro na vida do sujeito, onde este “visualmente”, por meio das imagens que se criam dentro de uma cidade, no que tange a “fotos em jornais, folhetos, cenas de filmes, páginas na internet ou mesmo por intermédio dos velhos cartões postais” (GASTAL; 2005, p. 12-13), pode buscar ou não (re)conhecer, (re)conectar, (re)ver os velhos ou agora novos lugares, antes (des)conhecidos.

A ideia de imaginários parte da relação de ‘sentimentos’ que se tem com aquilo ou o que se quer conhecer, atrelando adjetivos, que, muitas vezes, aproximam e/ou expressam características, inicialmente feitas por “[...] amplas e diversificadas redes de informação, que as levarão a achar um local ‘romântico’, outro ‘perigoso’, outro ‘bonito’, outro ‘civilizado’” (GASTAL; 2005, p. 12-13), atrelando ao deslocamento ideias (pre)concebidas.

Não se está, aqui, dizendo que esse deslocamento vai sempre proporcionar uma imagem ou até mesmo um imaginário bom do local a ser visitado. Apenas, infere-se que, ao desenvolver um deslocamento, pautado pela vivência do estranhamento, pulsa-se uma relação afetiva, que pode variar de sujeito para sujeito. Dependendo da relação que se tenha tido com o desejo de desenvolver a movimentação, olha-se para o novo, de forma a ressignificar o ambiente.

Nesta perspectiva de estranhamento do sujeito, em uma linha reflexiva da ressignificação do ambiente e pautando-se por uma visão do fenômeno, Baptista (2016) associa a ideia de turismo a um deslocamento, visto como um processo que “mobiliza o sujeito e toda uma ‘engrenagem’ subjetiva”. Ela lembra que isso desafia “os universos existenciais de referência e produz encontros com outros corpos subjetivos, nas suas dimensões humanas e não humanas.” (BAPTISTA, 2016, p. 1084).

A autora associa o turismo, a uma “teia-trama” complexa e cheia de ‘substratos inscriacionais’, que “[...] são resultantes da interação afetiva de sujeitos (corpos sem órgãos), no sentido de uma interação que ‘toque os seus afetos’ e produza desterritorializações [...]” (BAPTISTA, 2016, p. 1085).

Isso resulta da pulsação dos sujeitos, que buscam sair de uma zona confortável, segura, em direção a territórios não conhecidos, empreendendo uma viagem de encontro com o outro.

A desterritorialização, discutida pela autora, “[...] implica uma saída do território existencial, dessa configuração subjetiva, que pode ser tanto de um sujeito em particular, quanto de um grupo de sujeitos ou de um lugar [...]” (BAPTISTA, 2016, p. 1084). O sujeito sai do seu território, pessoal, conhecido, e passa a se relacionar em um local visto como desconhecido, “implicando, então, ‘salto no escuro’, a ousadia de viajar, soltar-se e enfrentar o inesperado, as incertezas, o devir-viagem.” (BAPTISTA, 2016, p. 1084).

A autora fala que, quando se desenvolve a “[...] desterritorialização no turismo, o sujeito se inscreve, inscreve sua marca no processo [...]” (BAPTISTA, 2016, p. 1085), fazendo com que se crie uma nova possibilidade de lugar, pelo fato da sua estada e passagem pelo local. Isso faz com que ele se comunique com outros corpos, em um sentido de relacionamento, como em um jogo de troca.

Baptista (2016, p. 1085) ressalta que com esse jogo comunicacional entre os sujeitos são gerados “fluxos significacionais que podem compor uma ‘pré-visão’, uma ‘pré-disposição’ de outras pessoas para o lugar” (BAPTISTA, 2016, p. 1085), acionando uma cumplicidade, no que se poderia chamar, de significados, para o destino, que, após sua passagem, não será mais o mesmo.

Percebe-se, após essa incursão teórica, o turismo como uma relação de estranhamento, em uma trama subjetiva, que faz o sujeito se (re)conhecer, em uma densidade profunda, a partir do ambiente que se inscreve, se cria e se aciona; ou seja, em um substrato inscricional. Isso faz com que se tenham, novas possibilidades de (re)encontros e experiências com o outro e, até mesmo, na costura de teorias do turismo.

Essa primeira construção de um entendimento de turismo pode vir a facilitar a caminhada em direção ao estudo do Círio de Nazaré. Vale destacar que ainda não se fecha o pensamento em torno da construção do conceito e da problematização de pesquisa, uma vez que se transita, aqui, pelos caminhos que levaram ao desenho da dissertação.

3 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Como foi mencionado no início deste artigo, apresentam-se aqui os caminhos metodológicos que orientaram a pesquisa de mestrado. Com o exposto, destaca-se que o estudo e as opções metodológicas, dizem respeito à dimensão trama, base conceitual proposta por Baptista (2001), e que, por sua vez, está em interface e confluência com pensadores contemporâneos, para expressar o reconhecimento da complexidade dos fenômenos. Dizendo de uma maneira simples, pode-se afirmar tratar-se de um “saber costurado”, que se configura a partir de viagem qualitativa e exploratória, baseada por uma estratégia metodológica denominada de Cartografia de Saberes, que se pauta por uma perspectiva contemporânea de pesquisa.

Assim, para apresentar a complexa trama de estudo, busco retomar alguns fatos já conhecidos, à luz da compreensão religiosa católica de mundo, a fim de elucidar os pressupostos metodológicos. Trata-se aqui de apresentar a confluência de narrativas que se entrelaçam e que ensinaram (e ainda ensinam) o pesquisador a seguir viagem na pesquisa e na vida. Nesse caso, o entrelaçamento dos muitos saberes que envolvem as práticas de vida do pesquisador também está presente e se mostra como metáfora da viagem investigativa. As opções metodológicas e o alinhamento das aproximações e ações investigativas às metáforas narrativas resultam do entrelaçamento de variados traslados, percursos e atrelamentos.

Aos poucos, ao repensar o processo de pesquisa, foi possível perceber que ela decorre do conhecimento, observação e vivências relativas a diferentes percursos-viagens. Uma das viagens começa na Cidade de Nazaré, na antiga Galileia, hoje Estado de Israel, como conhecemos na História ou mesmo como nos foi contado. Como relatam os textos bíblicos, lembramos que Maria estava prometida em casamento a um homem que se chamava José e que ela daria à luz a um menino, que receberia o nome de Jesus (BÍBLIA, Lucas, 1:27-31). O menino nasceu na cidade de Belém de Judá (BÍBLIA, Mateus, 2:3-6). É importante salientar que Jesus, Maria e José formam, no entendimento católico, a Sagrada Família de Nazaré. Não quero aqui discutir, contudo, teologicamente, qual é o significado de Família, até porque o intuito deste trabalho não é se debruçar à luz da Teologia, e apresentar uma nova reflexão dos caminhos da pesquisa em Turismo.

Retomando! Jesus de Nazaré, como ficou conhecido, nasceu do ventre de uma mulher. Para muitos, não causa nenhuma estranheza esse acontecimento, não fosse o fato dos dogmas da Virgem Maria, quanto a sua ‘maternidade divina’, por ser a ‘imaculada concepção’, pela sua ‘assunção ao céu’ e pela sua ‘virgindade perpétua’ estarem fortemente atrelados à paixão, morte, ressurreição e ascensão de Jesus (AQUINO, 2015).

Resgato os fatos bíblicos para, aos poucos, elucidar o entendimento em torno deste artigo. Também verifico um acontecimento de caráter histórico para o objeto Círio. Penteado (1998) relata que São José, movido pelo seu ofício de carpinteiro, esculpiu uma imagem de uma senhora, tendo Maria, sua esposa, presente no momento da confecção. Disso, pode-se depreender que existe a possibilidade de que a imagem produzida durante o ofício, seja a imagem de Maria de Nazaré, denominada de Nossa Senhora de Nazaré.

Com o advento de Jesus Cristo, muitos de seus seguidores, os denominados primeiros cristãos, saíram em missão para anunciar o seu evangelho (Mateus, 28:18-20). Com isso, diversos conflitos religiosos se configuraram, obrigando muitos deles a se refugiarem em mosteiros, como é o caso do monge Círiaco que, no século IV, se abrigou no “Mosteiro Cauliniana, na Península Ibérica”, levando consigo a imagem de Nossa Senhora de Nazaré. Após a invasão Árabe, a imagem de Nazaré foi, mais uma vez, transportada, no ano de 714, para um local seguro, agora para o Monte de São Bartolomeu, na proximidade da Pederneira, Portugal, pelo Rei Rodrigo e Frei Romano (PENTEADO, 1998).

Muitos fatos vieram a ocorrer a partir do momento de fuga. A morte do Frei Romano, a ida do Rei Rodrigo para o Norte, o esquecimento da imagem de Nazaré no pequeno nicho, construído entre as pedras para proteção das intempéries, causadas pela fuga (PENTEADO, 1998). Ressalta-se, no entanto, o que ocorreu mais tarde, precisamente no século XII, que direciona o pensar epistemológico para a complexidade devocional, que gira em torno da imagem de Nazaré.

Foi por conta de um primeiro pedido de proteção, feito por D. Fuas Roupinho que teria encontrado a imagem no nicho construído pelo Frei Romano, que se inicia um deslocamento de veneração em torno da Santa de Nazaré, em Portugal, na Cidade de Pederneira. Conta-se que Roupinho invocou a proteção de Nossa Senhora de Nazaré em um momento de perigo e ela o atendeu, fazendo o cavalo que o conduzia parar próximo de cair em um abismo (PENTEADO, 1998).

A devoção à santa se expandiu em Portugal e em suas colônias, o que pode tentar explicar a chegada da imagem de Nazaré no século XVII ao Brasil, na cidade de Saquarema, no Rio de Janeiro e em Vigia, no Pará.

O estado do Pará merece um destaque na discussão pelo fato de, em 1700, ter iniciado uma mística religiosa em torno do aparecimento da imagem de Nazaré à beira do Igarapé do Murucutu, na cidade de Belém. Além disso, ainda hoje, após dois séculos, essa é uma das maiores manifestações de devoção à Maria, reunindo mais de dois milhões de pessoas em uma única procissão e em um único dia (SERRA, 2014).

Em síntese, o que se reconhece neste trabalho é o espelhamento entre o deslocamento da imagem na História, com seus percursos, desafios e intempéries, complexa mudança do próprio evento aqui analisado e o deslocamento do próprio pesquisador, que faz a pesquisa além da própria pesquisa. Ademais, assim como a imagem, percebe-se que a pesquisa se inicia por uma fé, por uma esperança e parte para uma construção artesanal, que se consolida também como deslocamento, não só

territorial, mas por trilhas de imaginários, ideias, sentimentos, caminhos percorridos, por assim dizer, na própria vivência da religiosidade.

Com o exposto, a busca do saber e, principalmente, o saber turístico em uma perspectiva contemporânea, relaciona-se à preocupação de compreender aspectos inerentes aos sujeitos-devotos do Círio de Nazaré, uma vez que o objeto atrelado à visão de Turismo Religioso caracteriza-se como complexo, com variações e implicações contextuais. Vale ressaltar que na pesquisa, afasto-me da discussão apresentada por alguns teóricos que, respaldados por questões mais mercadológicas, estruturam um imaginário acerca do turismo e da religiosidade, a partir da ótica do segmento Turismo Religioso.

Percebo que é necessária a existência de diálogo e não de divisão, no entendimento de Turismo e Religião. Desse modo, é possível ter uma melhor compreensão acerca do sentimento devocional presente no Círio. Os Sujeitos, neste caso, estão desatrelados de uma visão de mercado, tida como Turismo Religioso, e inseridos na busca por pressupostos teóricos que os sustentem e deem corpo epistemológico para sua consideração, não como uma categoria, mas como efetivos sujeitos em vivências devocionais e de turismo.

Mesmo tentando distanciar a ideia de mercado, a pesquisa percorreu caminhos e teorias que vislumbram tal análise como proposta inicial. No resgate do processo, percebo que foi difícil e cheio de imbricações o percurso. Aqui, houve também embates e conflitos, no sentido de conseguir desenhar as linhas de pensamento em Turismo, Hospitalidade, amorosidade e religiosidade para traçar os caminhos metodológicos da construção do estudo científico na área.

Percebe-se que alguns estudos na área acadêmica do Turismo passam por dificuldades, ao tentar construir os “alicerces científicos” para entrelaçar o Turismo e suas áreas. Como nos expõe Panosso Netto e Nechar (2014, p. 121), o estudo epistemológico para o Turismo é visto “como tema complexo, exótico, teórico, filosófico e com pouca aplicabilidade”, e sem reconhecimento de “comunidades acadêmicas [...] como vanguardista na produção sistemática do conhecimento” (PANOSSO NETTO; NECHAR, 2014, p. 127). Isso torna a investigação plena de caminhos tortuosos que, às vezes, podem causar mais obstáculos do que êxito na pesquisa.

Com base no exposto, busca-se redesenhar os caminhos, para que o objeto de estudo, cheio de potencialidades, possa se movimentar na pesquisa e pulsar de si para o outro em múltiplos sentidos. Desse modo, entende-se ser o acionamento de novas possibilidades inscriacionais¹, vinculadas “[...] à compreensão de que as narrativas trazem ‘inscrições que acionam e recriam’ os lugares e sujeitos do Turismo e da Comunicação.” (BAPTISTA, 2013, p. 2).

Assim, a investigação foi direcionada para uma trama de trilhas investigativas, na qual Baptista (2014a, p. 350) nos explica que “trata-se de uma viagem investigativa em que o pesquisador se re-inventa, se re-nova, se re-faz”, atrelando ao diálogo recíproco da pesquisa-pesquisador, que cheio de critérios orientadores poderá ir amarrando a narrativa em uma espécie de “costura de saberes.” (BAPTISTA, 2014a, p. 349).

¹ “Já apresentado em outros textos de Baptista (2011 e 2012), atribuída às práticas de pesquisa e que também tem como substrato teórico a esquizoanálise, para representar os acionamentos desejantes do sujeito, no sentido de investigações, que permitam inscrever, criar e produzir ações voltadas a devires conhecimentos, pesquisas, devires processos no Turismo.” (BAPTISTA, 2014a, p. 344-345).

Esta pesquisa, como já foi mencionada no início deste capítulo, pauta-se por uma triangulação entre abordagem qualitativa, pesquisa exploratória e utilização da estratégia metodológica da Cartografia de Saberes, proposta por Baptista (2014a). A Cartografia direcionou o estudo para pressupostos investigativos, determinados pelos ‘saberes costurados’, que especifica uma forma de olhar para o objeto de estudo, não somente para observá-lo e pesquisá-lo, mas, principalmente, para senti-lo e vivenciá-lo em sua completude, em sua dimensão ‘trama’.

Essa perspectiva de pesquisa direcionou a investigação para o viés qualitativo. Entende-se, que uma pesquisa qualitativa parte da interpretação e do conhecimento do todo, ou seja, da “construção social da realidade em estudo [...]”, levando em consideração a percepção do sujeito e/ou do fenômeno que está sendo investigado (FLICK, 2009, p. 16).

Nesse tipo de abordagem, é necessário tomar certos cuidados para não tropeçar em pré-julgamentos, que possam direcionar, para o que os cientistas sociais chamam de “Bias do pesquisador”, que são preconceitos adotados na pesquisa científica. Eles dão a sustentação do convencionalismo e de expectativas que marcam a vivência do pesquisador (GOLDENBERG, 2004, p.47).

Goldenberg (2004, p. 50), em seu estudo, vai ao encontro do entendimento expresso por Flick (2009), ao dizer que a elaboração de uma pesquisa científica, conduzida por um método que suscite a discussão de pressupostos teóricos, possibilita “[...] a compreensão do significado e a ‘descrição densa’ dos fenômenos estudados em seus contextos e não à sua expressividade numérica.”

Neste sentido, passa-se, agora, à apresentação da estratégia metodológica Cartografia de Saberes. Trata-se de uma estratégia que direciona o pesquisador para uma multiplicidade de trilhas, com aproximações e ações investigativas. É o que explica Baptista (2014a, p. 344), quando diz que “não existe ‘um’ único caminho, mas [...] ‘trama de trilhas’ e possibilidades a serem acionadas”, que ajudam no entendimento do estudo, independentemente do objeto. Isso faz com que se tenha um “[...] mergulho no objeto/fenômeno escolhido para estudar e no conhecimento já produzido a respeito, por outros investigadores, bem como no reconhecimento e a efetivação, possíveis com a vivência da pesquisa.” (BAPTISTA, 2014a, p. 344).

A abordagem apresentada pela autora direciona o estudo para uma estrutura orientada por quatro dimensões pautadas por uma visão epistemológica, teórica, metódica e técnica. Essas dimensões instituem-se em sintonia com o que se denomina de saberes pessoais, saberes teóricos, usina de produção – que se subdivide em aproximações e ações investigativas – e dimensão intuitiva da pesquisa.

A trilha de saberes pessoais pode ser caracterizada como a que possibilita os registros de informações, do pesquisador, que são registrados em seu diário pessoal e conhecimento do assunto. Trata-se aqui, segundo a autora, de produção do diário de campo, mas, no caso, como resultado do mergulho do pesquisador em si mesmo e nos seus próprios saberes. A proposta é inscrever “conceitões”, nós conceituais, frases, palavras, ideias do assunto e se “autorizar a escrever textos sobre a temática. Isso significa uma espécie de sondagem de si mesmo, sem julgamento [...] eles vão ajudar o próprio aluno a se dar conta a respeito do que sabe, do que pensa e do seu interesse.” (BAPTISTA, 2014a, p. 350).

Já os saberes teóricos são reconhecidos como entrelaçados, a partir de uma trama cartográfica, relacionada à busca por “textos que tragam informações a serem trabalhadas para acrescentar aos seus saberes pessoais.” (BAPTISTA, 2014a, p. 351). Nesse caso, identificadas as temáticas, parte-se para a busca bibliográfica ampla,

envolvendo os bancos de dados científicos, que, posteriormente, vão auxiliar na construção do referencial teórico. Há, neste ponto, o resgate de todo um conjunto de anotações sobre a produção de levantamentos bibliográficos, mas numa perspectiva de reconhecimento de trama das trilhas.

Os textos foram identificados, lidos, documentados e passaram pela discussão nas rodas de conversas do Amorcomtur!. A produção desta pesquisa originou algumas publicações, sendo dois trabalhos em anais de eventos (LIMA; GOMES; BAPTISTA, 2016; LIMA; BAPTISTA, 2015) e um capítulo de ebook internacional (BAPTISTA; LIMA, 2016).

A usina de produção por sua vez, é “[...] a criação de situações para que o pesquisador viva a pesquisa, em uma perspectiva de um objeto paixão-pesquisa [...]” (BAPTISTA, 2014a, p. 351). Inicialmente é necessário que o pesquisador busque entrar em contato com o que vai estudar, trazendo possibilidades de sair a campo para “[...] observação sistemática, conversas informais, exploração preliminar de materiais e/ou documentos [...]” (BAPTISTA, 2014a, p. 351).

Para tanto, é necessário produzir: aproximações e ações. As aproximações investigativas significam um campo de sondagem preliminar e a busca de alguns sinalizadores, que, neste estudo, correspondem ao levantamento bibliográfico preliminar e documental, envolvendo também materiais alusivos ao objeto e aproximações com a temática; organização e realização de fotografias; participação nas rodas de conversas do *Amorcomtur*, observação preliminar do evento, com registro no diário de campo, e conversas informais; bem como discussão do projeto na qualificação, levantamentos geográficos de dados de Belém do Pará e pesquisa na internet sobre o assunto abordado.

O segundo momento da usina de produção foi pautado pelas ações investigativas, apresentadas a partir das técnicas de pesquisa de campo utilizadas neste trabalho, como análise documental, levantamento bibliográfico para delimitação da teoria, além de rodas de conversas e entrevistas (sempre precedidas de conversas informais), apoiadas pela utilização de gravador e, por fim, a caminhada atenta ao estranhamento (PERUZZO, 2014).

A dimensão intuitiva da pesquisa, a quinta trilha da Cartografia de Saberes, envolve o registro de ideias, que emergem no decorrer da caminhada e que possibilitam ao sujeito-pesquisador vibrar junto à pesquisa. Essa trilha ensina o pesquisador a valorizar ideias que surgem espontaneamente, sem a obrigatoriedade da utilização, mas que poderão ser ou não ser amarradas ao pensar teórico. A autora ressalta, aqui, a importância dos registros sistemáticos da intuição e a consideração de que esse registro, na prática, inscreve um texto interno, pleno de intensidades abstratas, saberes presumidos pelas vivências e pelos entrelaçamentos vários (BAPTISTA, 2014a, p. 352).

Diante dos pressupostos apresentados, foi possível observar, após o percurso das trilhas estratégias metodológicas da Cartografia de Saberes, o entrelaçamento, para uma averiguação, da perspectiva da pesquisa participante, que se entrelaça, como orientação, para coleta de dados do estudo.

Na pesquisa participante, o pesquisador “interage” com o objeto, desempenhando um papel “cooperativo no grupo”. Assim, é necessário relacionar “diretamente nas ações do objeto investigado”, cabendo ao averiguador informar os propósitos, as intenções do estudo e retornar ao final com os resultados (PERUZZO, 2014).

Como pesquisador participante, estive, nos últimos três anos (2014, 2015 e 2016), envolvido no Círio de Nossa Senhora de Nazaré, na qualidade de:

- No ano de 2014, guarda de Nossa Senhora de Nazaré, participando das atividades da festividade religiosa (missas e procissões) somente como membro da equipe e devoto;
- Em 2015, já cursando o mestrado em Turismo e Hospitalidade, mas ainda em reflexão de quais seriam as estratégias metodológicas. Participei novamente como guarda de Nossa Senhora de Nazaré, porém com um olhar mais direcionado às possíveis averiguações, que pulsavam em meu pensamento, sempre tentando direcionar estes caminhos da averiguação;
- Em 2016, participei na qualidade de pesquisador, exercendo as mesmas funções de guarda; entretanto, já com o consentimento dos organizadores para o desenvolvimento da pesquisa.

Essa participação, pelo estabelecimento de um recorte teórico, no que tange às possibilidades acadêmicas de estudo das relações dos sujeitos-devotos, ocorreu na 223ª edição da Festividade Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que se realizou em Belém do Pará, no ano de 2016.

Essa interação se efetivou após a procissão do Círio (domingo), no período compreendido de 13 de outubro de 2016 a janeiro de 2017, junto a 28 sujeitos, divididos em quatro grupos: *Igreja* (arcebispo, bispo, diretoria, pastoral do turismo, igreja evangélica, consagrados a Maria e apoiadores operacionais), *turismo/cultura* (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Secretaria municipal e estadual de turismo, cineastas e artistas) *acadêmico* (professores e pesquisadores da festividade) e *feira* (turista, cordeiro, feirante); buscando a compreensão das relações dos mesmos com a festividade.

É importante observar que houve interação com os sujeitos envolvidos, somente no período informado. Isso se deve ao fato de que a coleta de dados foi aplicada não somente com os “devotos”, que participavam em busca de graças ou retribuindo por uma promessa alcançada, mas com o corpo organizador da festa, o apoio técnico-teórico e com pessoas que estiveram atuando diretamente em atividades oportunizadas pelo momento de festa. Estas tiveram que ser entrevistadas posteriormente.

A entrevista foi realizada a partir de um protocolo, que, por sua vez, foi construído com base em sinalizadores, em correspondência direta com o objetivo específico já mencionado.

Assim, pensou-se o protocolo, derivado dos sinalizadores, que foram construídos, também, com base na vivência na festividade, nas discussões durante o mestrado, tanto nas orientações, no grupo de pesquisa, como nas disciplinas em sala, levando em consideração as relações:

- A partir do perfil do sujeito;
- De motivações que poderiam levar o sujeito a viver o Círio;
- De devoção;
- De como veio se construindo a participação do sujeito na festividade;
- Da perspectiva turística, religiosa ou cultural vivida durante o Círio;
- De como o Círio estava sendo visto na atualidade;
- Possíveis melhorias na infraestrutura da cidade e até mesmo do próprio evento;
- A vivência no Círio (pensado como procissão e festividade);
- Os momentos marcantes do Círio.

Desses sinalizadores resultam as questões, que relacionam-se ao protocolo a seguir:

- a) Conhecendo o sujeito: gênero (masculino e feminino), procedência (Cidade e Estado), faixa etária (15 anos a mais de 60), vinculação religiosa, número de participação na festividade, relações de devocional e motivação;
- b) Algum fato pode vir a direcionar sua história com o Círio?
- c) Quando você pensa no Círio o que lembra?
- d) Em sua participação como se sentiu nos momentos (organização, procissões e atividades voltadas para festa) vividos no Círio?
- e) Você se sente ou sentiu bem recebido/acolhido, durante os momentos vividos?
- f) Você acredita haver alguma diferença quanto ao tratamento e/ou a acolhida das pessoas, em Belém, durante os momentos vividos no Círio, no mês de outubro, em relação aos outros meses do ano e a outras festas religiosas na cidade?
- g) Para você, o Círio pode ser considerado como um evento que há uma relação turística, religiosa ou cultural?
- h) Como você vê o Círio hoje em Belém?
- i) O que pode ser melhorado no Círio?
- j) O que você consideraria uma (ou mais) marca(s) do Círio de Nazaré?

Vale ressaltar que na elaboração do quadro de organização dos sinalizadores do protocolo, relacionaram-se os sujeitos, a partir de seus grupos e correlações. Assim, após o processo de construção das questões, observou-se a necessidade de três perspectivas de análise para a pesquisa, que estão em conformidade e coerência com os objetivos deste trabalho e se identificam da seguinte forma: o imaginado (é tudo aquilo que o sujeito imagina sobre o evento e o motivou), o experienciado (faz referência à vivência do sujeito no evento, ou seja, sua participação) e o inferido (relaciona-se, a impressões, que o sujeito teve após a experiência vivida no evento).

O imaginado, parte da ideia de reconhecer no sujeito, a construção de imagens que ele faça em uma relação com o evento, tendo ou não vivenciado edições anteriores. O que se pensa com essa perspectiva? Reconhecer no sujeito, a relação de sentimentos e/ou motivações, que direcionem o entendimento dos reais motivos do seu envolvimento com a festividade.

Com isso, penso que a proposição de Gastal (2005), sobre imaginários, contribuiu na busca pela construção dessa perspectiva de análise. A autora entende que imaginários são “[...] sentimentos construídos em relação a locais e objetos (e, por que não, a pessoas?)”, que nutridos por múltiplas “redes de informação” atrelam a um objeto e/ou lugar sentimentos, escolhas e características (GASTAL, 2005, p. 13).

Assim, na entrevista, buscou-se compreender o que estava latente e pulsante no pesquisado, para identificar o que ele imaginava a respeito do Círio, levando em consideração a relação dos questionamentos abaixo:

- *O que o movia:* algum fato pode vir a direcionar sua história com o Círio?
- *O que sentia:* quando você pensa no Círio o que lembra?

Após essa construção, pautada pelo imaginado, parti para identificar a movimentação que o sujeito, empreende durante a festividade, ou seja, sua vivência de fato. Chega-se então, na perspectiva do experienciado.

O experienciado, como já dito, se constitui pela vivência e experiência que o sujeito empreende na festividade. Mas como relacionar isso na pesquisa? Tomando como base, que o sujeito se relaciona com a festa, a partir de uma construção de um imaginário, pensou-se, identificar nas suas narrativas, contextos que possam direcionar ou mesmo explicar, qual foi ou vem sendo sua participação durante a festividade de Nazaré.

Com isso, atrelou-se aqui, a abordagem desenvolvida por Baptista (2013 e 2016), que caracteriza esse momento como a experiência resultante de um processo de desterritorialização. A autora diz que o sujeito se insere em um ambiente, quando em processo de deslocamento, e vai se inventando, se renovando e se desterritorializando “[...] de si mesmo, em busca de encontros com outros territórios” (BAPTISTA, 2013, p. 2).

Desse modo, é possível verificar as “inscrições múltiplas”, ou seja, o “que não se fala apenas em produção de texto verbal”, mas de narrativas vividas, sentidas e pulsantes pelos entrevistados o que direciona a “inscrições que acionam e recriam os lugares e sujeitos.” (BAPTISTA, 2013, p. 2).

Neste sentido, durante as entrevistas buscou-se depreender, a partir das narrativas, essas inscrições múltiplas, através da rememoração das vivências com a festa. Com isso, segue abaixo, os questionamentos que se relacionaram para essa busca:

- Em sua participação, como você se sentiu nos momentos (organização, procissões e atividades voltadas para festa) vividos no Círio?
- Você se sente ou sentiu bem acolhido durante os momentos vividos?
- Você acredita haver alguma diferença, quanto ao tratamento e/ou a acolhida das pessoas, em Belém, durante os momentos vividos no círio, no mês de outubro, em relação aos outros meses do ano e, outras festas religiosas na cidade?

Observa-se agora, a necessidade, que entender quais impressões, que o sujeito teria, de fato, na relação vivenciada durante a movimentação pela festa. Tem-se aqui, o que denominei de inferido, que corresponde às inferências que o sujeito teve, após a participação na festividade de Nazaré. Mas como inferir essas impressões a partir da participação?

Lembro que na explicação do imaginado, buscou-se direcionar a imaginários que os sujeitos construíam da relação para com a festa. E no experienciado, relacionou-se essa construção de imaginários, para entender a vivência da participação. Agora, tem-se a relação dessas duas perspectivas de análise, como base de sustentação para entender quais as inferências do sujeito após sua estada no evento. Nesta etapa, costuraram-se as questões abaixo:

- Para você, o Círio pode ser considerado como um evento que há uma relação turística, religiosa ou cultural?
- Como você vê o Círio hoje em Belém?
- O que pode ser melhorado no Círio?
- O que você consideraria uma (ou mais) marca(s) do Círio de Nazaré?

Ressalto que o protocolo de pesquisa era único, sem alterações das questões, no que tange à interação com os sujeitos. Mesmo que esses tenham sido divididos em quatro grupos (igreja, turismo/cultura, acadêmico e festa), não se modificavam os questionamentos. Apenas variava-se a forma de se relacionar com o mesmo, para facilitar o entendimento dos sujeitos.

As entrevistas eram precedidas de uma conversa informal acerca do objeto e, após a sensibilização do entrevistado, que consentia ou não em participar, autorizava a gravação e assinatura do termo.

Destaca-se que, em uma das entrevistas, não houve o consentimento para gravação, apenas foi permitido tomar nota de qualquer ponto que fosse relevante durante a fala. Assim, relatei o sujeito pelas inferências que tive, sem interrupção do mesmo durante a fala.

Após a primeira relação comunicacional tida através das perspectivas do imaginado, experienciado e inferido, buscou-se relacionar o turismo, a hospitalidade, a

amorosidade. Isso se deu no subcapítulo ‘relações: quarta estação’. Nesta etapa, costuraram-se as marcas propostas no estudo durante as relações que se estabeleciam na perspectiva turística, hospitaleira e amorosa, não deixando de lado à religiosa.

Para melhor entender o desenrolar da viagem-investigativa, propõem-se no quadro 1, exemplificar, como se relacionaram os sinalizadores ao protocolo de pesquisa.

Quadro 1 – Relações dos sinalizadores ao protocolo de pesquisa

Sinalizadores	Questões do Protocolo
- A partir do perfil do sujeito; - de devoção; - de como veio se construindo a participação do sujeito na festividade;	1 – Conhecendo o sujeito: gênero (masculino e feminino), procedência (Cidade e Estado), faixa etária (15 anos a mais de 60), vinculação religiosa, número de participação na festividade, relações de devocional e motivação;
- de motivações que poderiam levar o sujeito a viver o Círio;	Perspectiva do Imaginado 2 – (<i>O que o movia</i>) Algum fato pode vir a direcionar sua história com o Círio? 3 – (<i>O que sentia</i>) Quando você pensa no Círio o que recorda?
- a vivência no Círio (pensado como procissão e festividade);	Perspectiva do Experienciado 4 – Em sua participação, como você se sentiu nos momentos (organização, procissões e atividades voltadas para festa) vividos no Círio? 5 – Você se sente ou sentiu bem acolhido durante os momentos vividos? 6 – Você acredita haver alguma diferença, quanto ao tratamento e/ou a acolhida das pessoas, em Belém, durante os momentos vividos no círio, no mês de outubro, em relação aos outros meses do ano e, outras festas religiosas na cidade?
- da perspectiva turística, religiosa ou cultural vivida durante o Círio; - de possíveis melhorias na infraestrutura da cidade e até mesmo do próprio evento; - de como o Círio estava sendo visto na atualidade; - os momentos marcantes do Círio.	Perspectiva do Inferido 7 – Para você, o Círio pode ser considerado como um evento que há uma relação turística, religiosa ou cultural? 8 – Como você vê o Círio hoje em Belém? 9 – O que pode ser melhorado no Círio? 10 – O que você consideraria uma (ou mais) marca(s) do Círio de Nazaré?

Fonte: Elaborado pelo autor

4 SÍNTESE DA AVERIGUAÇÃO

Apresenta-se agora uma breve síntese da primeira averiguação da pesquisa, que corresponde à inferência do questionamento ‘conhecendo o sujeito’, que orientado por sinalizadores e dividido em questões, envolveu 28 sujeitos, como entrevistados, estando estes em quatro grupos (igreja, turismo-cultura, acadêmico e festa).

Os sujeitos de cada grupo representam uma instituição e/ou pessoas que participam da festividade de Nazaré. Ele são ligados aos dirigentes da igreja de Belém, à Diretoria da Festa Círio, à Pastoral do Turismo da Basílica Santuário da Nazaré (PASTur Nazaré), à Guarda de Nossa Senhora de Nazaré (GNSN), à Polícia Rodoviária Federal (PRF), à Cruz Vermelha, ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), à Secretaria de Estado de Turismo (SETUR), à Coordenadoria Municipal de Turismo (BELEMTUR), à Universidade Federal do Pará (UFPA), à Igreja Evangélica Assembleia de Deus, assim como aos artistas, aos moradores e aos visitantes da cidade.

É importante frisar que, durante as entrevistas, foi disponibilizado aos sujeitos um termo de consentimento livre e esclarecido, garantindo sigilo nas suas identificações. Assim, nesta pesquisa, os sujeitos serão chamados por prenomes de Santos² da Igreja Católica. A decisão decorre do desejo de nominar, sem identificar, ao mesmo tempo em que se define um critério de escolha desses nomes. Vale ressaltar que se buscou uma lógica e coerência na escolha dos nomes, considerando características dos sujeitos, tipo de vinculação à igreja e ao universo religioso. Neste sentido, a importância aqui está vinculada à posição que o sujeito ocupa em relação ao universo religioso, e não à importância do sujeito em si, aspecto não pautado neste trabalho, já que a fala de todos é relevante.

Assim, na apresentação do perfil dos entrevistados, pautando-se pelo que foi averiguado na questão conhecendo o sujeito, pode-se dizer que onze sujeitos/instituições são ligados às atividades da igreja; sete faziam parte de alguma relação turístico-cultural vinculada ao evento; seis estavam participando do corpo acadêmico, ou seja, ao universo de pesquisa voltado ao evento; e quatro faziam parte de alguma relação com a festa, no que tange à participação nas procissões.

Então, tem-se, no grupo ligado à Igreja, uma analogia aos santos de grande importância para o corpo litúrgico católico. Com isso, constitui-se o elenco de sujeitos que falam.

- *Santo Agostinho* tem 66 anos, não é nascido em Belém, e sim no Sudeste do Brasil, se considera católico, é devoto de Maria Santíssima. Vem se envolvendo com a festividade, no que se pode dizer, em um campo litúrgico, na peregrinação e romarias, desde a sua chegada Belém em 2010, tendo um tempo de participação de 6 anos.
- *São Tomás de Aquino* tem 58 anos, não é nascido em Belém, e sim no Sul do Brasil. Apresenta-se com expressões devocionais por Maria de Nazaré, no que se pode relacionar ao brilho dos olhos, ao narrar sua história, de saída da sua cidade natal e a chegada a Belém, podendo ser considerado um católico. Tem um envolvimento com a festa, pautado por dois momentos: na sua chegada, em 1999, e com uma nova participação no corpo litúrgico da festa, em 2014, apresentando um tempo de participação de 17 anos.
- *São Joaquim e Sant'ana* são casados há 31 anos. Ele tem 55 anos e não é do Estado do Pará; ela tem 53 anos e é nascida em Belém. Juntos se consideram um casal católico praticante. São devotos, que participam de todas as atividades propostas pela igreja. Nesse tempo de casados, eles viveram duas formas de participação. Nos primeiros 19 anos, só como casal católico, participantes da festividade de Nazaré, e nos últimos 12 anos, mais envolvidos como a igreja e a

² Santos Padres da Igreja e Doutores da Igreja. Disponível em: <<http://www.ofielcatolico.com.br/2005/09/padres-da-igreja-e-doutores-da-igreja.html/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

feira de Nazaré. Com isso, somam 31 anos juntos, participando da programação de Nazaré.

- *São Miguel* tem 46 anos, é nascido em Belém, se considera católico, é devoto, porém de Santo Antonio e São Francisco, mas vê em Nossa Senhora de Nazaré algo diferente, e apresenta sinais de uma provável devoção também a ela. Não saberia dizer uma data de início, mas recorda que vem participando da festa de Nazaré há 28 anos, pois, aos 18 anos, estava como promesseiro da corda. Assim, nesse período, existem dois momentos distintos: o primeiro vai de 1988 a 2007, participando do Círio como promesseiro, e o segundo, a partir de 2008 até o dia da entrevista [pois é até onde eu posso falar dele], onde tem se envolvido mais ativamente nas atividades da igreja e da festividade, não só na corda, mas em toda a programação, procissão e festa.
- *São Gabriel* não quis revelar a sua idade, mas deu uma relação de entre 30-40 anos. É residente de Belém, considera-se espiritualista e tem um sentimento especial, ao falar de Nossa Senhora de Nazaré, dizendo que acredita nas boas energias que ela emana. Vem participando da festividade desde criança, indo com seus pais, e agora como pessoa adulta, vem se envolvendo há 10 anos nas procissões.
- *São Rafael* tem 60 anos, não mora na Capital, e sim na mesorregião metropolitana de Belém, com uma distância aproximada de 106 km. Considera-se uma pessoa católica e devota. Acredita que tenha vivido à festividade desde criança, com seus familiares. Participa há 30 anos, no voluntariado das procissões.
- *Santa Francisca* tem 32 anos, não mora na capital, e sim na região metropolitana, distante a 18 km, tendo como referência a Basílica Santuário de Nazaré. Ela se considera católica e devota. Começou a participar da festividade em dois momentos: o primeiro não saberia identificar uma data para o início, mas acredita que, desde criança, participava com seus familiares; e há seis anos vem vivendo mais ativamente a rotina da igreja e da festividade de Nazaré.
- *Santa Foy de Gascogne* tem 31 anos, é de Belém. Considera-se católica, devota e participa da festividade desde criança, mas, desde 2008, tem se envolvido mais ativamente nas programações do Círio.
- *São Luís Maria de Montfort* tem 48 anos, considera-se um escravo no amor por Nossa Senhora e, assim, se denomina um católico ultraconservador. É de Belém, e vem participando da festividade desde os cinco anos.
- *Santo Expedito* não quis dizer a sua idade, mas é de Belém, é cristão, não acredita em devoção a Maria e vem participando das atividades do Círio desde 2012.

Para identificar o grupo do Turismo-Cultura, levou-se em consideração o padroeiro³ do turismo e das artes e algumas características que pulsaram durante as entrevistas. Assim, fazem parte desse universo as analogias com os Santos.

- *São Jorge* é servidor público, tem 35 anos, não é do Estado do Pará, e sim do Nordeste do Brasil. Considera-se de matriz afro-brasileira, não é devoto, mas se emociona ao ver as energias que emanam na concretização das procissões. Iniciou sua vivência na festividade em 2013, ano em que chegou a Belém.

³ SANCTORUM. Santos Padroeiros - Lista com nome relacionado a sua proteção. Santos e ícones Católicos. Disponível em: <<http://santossanctorum.blogspot.com.br/p/santos-padroeiros-lista-com-nome.html>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

- *São Francisco Xavier* é servidor público, tem 49 anos, é de Belém. Considera-se católico, é devoto e tem uma participação pautada pela vivência familiar desde a infância e, pelo trabalho, desde a década de 1980.
- *São Judas Tadeu* é servidor público, omitiu a idade, é de Belém. Considera-se católico, devoto e sempre participou da festividade.
- *Santa Margarida* é servidora pública, tem 31 anos, é de Belém. Considera-se católica não praticante, mas devota. Participa da festividade desde criança. No trabalho, colabora com os voluntários do Círio.
- *Santa Cecília* é artista, tem 49 anos, é de Belém. Considera-se católica, devota e começou a participar da festividade a partir de dois momentos: assistindo quando criança às procissões, levada pelos seus familiares, e, aos 18 anos, desenvolvendo um trabalho voltado as suas habilidades artístico-culturais.
- *São Vito* é fotógrafo, não quis revelar sua idade, mas disse que estava na faixa etária de 30-39 anos. É de Belém, considera-se católico, devoto e participa da festividade há mais de 15 anos. Com o seu trabalho, narra pelas suas lentes, um pouco dessa vivência.
- *São João Bosco* é roteirista, diretor e cineasta, não quis revelar sua idade, mas disse que estava na faixa etária de 40-49 anos. É de Belém, considera-se um católico, devoto e vem participando a vida toda da festividade. Ele imprime uma característica artístico-cultural, ao narrar a festividade.

Existe, para a Igreja Católica, um grupo de Santos, que são denominados de Doutores, que correspondem a pessoas que se destacaram em um notório saber teológico. Assim, pautando-se por uma analogia, aproximam-se os entrevistados do grupo acadêmico, detentores de um notório saber, voltado ao conhecimento científico do Círio, aos prenomes de Santos.

- *Santa Teresa de Ávila* é professora universitária, tem 65 anos. É de Belém, considera-se católica do Círio, não é devota, apenas tem um sentimento de respeito, por acreditar que Nossa Senhora de Nazaré é uma figura que se liga muito a da sua Mãe. Sua participação com a festividade vem desde a infância.
- *Santa Catarina de Sena* é professora universitária, tem 49 anos, é de Belém. Considera-se católica não praticante, mas devota e participa da festividade desde criança.
- *São João Ávila* é professor universitário, não quis dizer a idade e nem sua vinculação religiosa, tampouco a devoção. É de Belém e participa da festividade desde criança.
- *Santa Hildegarda de Bingen* é professora universitária, na faixa etária de 30-39 anos. É de Belém, considera-se espiritualista, não é devota, e participa da festividade há mais de 30 anos.
- *São Gregório de Narek* é professor universitário, na faixa etária de 30-39 anos. É de Belém, considera-se católico, devoto e vem se envolvendo com a festividade há 31 anos.
- *Santa Teresinha do Menino Jesus* não é professora universitária, mas é pesquisadora do Círio, tem 36 anos, não é do Estado do Pará, e sim do Nordeste do Brasil. Considera-se católica, mas não uma devota. Vem participando da festividade desde sua chegada a Belém em 1999.

Já para o grupo festa, os santos serão relacionados à narrativa que se desprende das falas durante o contato com os entrevistados. Assim a ideia da analogia, aqui, se faz, ligando os santos a características profissionais e/ou pessoais.

- *São João Batista de La Salle* está na faixa etária de 40-49 anos, morou em Belém por muito tempo. Atualmente reside no Centro-Oeste do Brasil, mas visita a capital paraense nos momentos de festa, de sua família e do Círio. É turista, que se considera católico. Hoje vive mais o sentimento de devoção e vem participando da festividade como promesseiro da corda. Acredita ter um tempo de vivências há mais de 15 anos.
- *Santa Úrsula* está na faixa etária de 50-59 anos, não é do Estado do Pará, e sim do Centro-Oeste do Brasil. Foi convidada a conhecer a festividade de Nazaré, por *São João Batista de La Salle*, em 2013, e se considera católica, e acredita em Maria. Sempre que pode, vem à cidade no mês do Círio.
- *Santa Mônica* tem 51 anos, é de Belém. Considera-se católica, devota e vem participando da festividade desde criança, sempre ao lado da sua família.
- *São Lucas* tem 45 anos, não é de Belém, mas da Mesorregião do Baixo Amazonas. Atualmente mora em Belém, considera-se católico, devoto e participa da festividade desde quando chegou a Belém, como ele mesmo disse “há muito tempo”.

Após, essa apresentação do perfil dos entrevistados, nota-se a primeira sequência de relações que emergiram das narrativas: a faixa etária dos sujeitos. Pode se averiguar que nenhum sujeito entrevistado estava nas intercessões de 10 a 29; porém 08 encontravam-se na faixa etária entre 30 a 39 anos; 08 estavam vinculados a uma idade entre 40 a 49 anos; 05 estavam com mais de 50 ou próximos de completar 59 anos; 03 estavam na relação entre 60 ou mais idades; e, nota-se que 04 sujeitos não deixaram claro sua idade, entrando na relação das omissões da faixa etária. Podendo ser mais bem visualizado na tabela 1.

Tabela 1 – Faixa etária dos sujeitos entrevistados

Faixa Etária	
10 – 19	00
20 – 29	00
30 – 39	08
40 – 49	08
50 – 59	05
60 ou +	03
Omitiu	04
TOTAL	28

Fonte: Elaborado pelo autor

Percebe-se que 18 sujeitos, ou seja, a maioria, pertence à cidade de Belém, 03 são do interior do Pará, sendo divididos entre as regiões metropolitanas e o baixo Amazonas, e 07 pertencem a outras regiões do Brasil, como pode ser visto na tabela 2.

Tabela 2 – Procedências dos sujeitos entrevistados

Procedência	
Belém	18
Interior do Pará	03
Outras regiões	07
TOTAL	28

Fonte: Elaborado pelo autor

Outra relação que emerge das narrativas e é apresentada na tabela 3 faz referência à vinculação religiosa que destacaram está vivenciando. Eles se apresentaram como sujeitos que são: católico [17], católico praticante [02], católico ultraconservador [01], católico não praticante [02], católico do Círio [01], Cristão [01], de matriz afro-brasileira [01], espiritualista [02] e não sem identifica com nenhuma religião [01].

Tabela 3 – Vinculação religiosa dos entrevistados

Vinculação religiosa	
Católico	17
Católico praticante	02
Católico ultraconservador	01
Católico não praticante	02
Católico do Círio	01
Cristão	01
Matriz Afro-Brasileira	01
Espiritualista	02
Sem identifica com nenhuma religião	01
TOTAL	28

Fonte: Elaborado pelo autor

Uma relação muito interessante de se averiguar diz respeito às vinculações religiosas. Em um ambiente de maior predomínio de uma determinada denominação religiosa, pode-se identificar a presença de sujeitos que tinham experiências de outras vivências e, até mesmo, crenças religiosas, convivendo harmonicamente para a realização da festividade. É o caso do grupo Igreja, que têm em seu meio social, sujeitos com vinculações religiosas pautadas pelo universo católico, católicos praticantes e ultraconservador, cristão e espiritualista. Todos se relacionando em um processo de aceitação do outro na convivência, e desenvolvendo as atividades de organização e planejamento da festividade religiosa.

É importante ressaltar que esses sujeitos estavam representando uma determinada instituição, que participava das atividades colaborando no planejamento e organização do evento. Eles não são os responsáveis na festividade pelo processo de evangelização da festa, ficando isso a cargo dos dirigentes religiosos.

A relação existente no grupo turismo-cultura pauta-se por vínculos de sujeitos que se denominam católicos, católico não praticante e de matriz afro-brasileira. Outra relação que se desprende do perfil é vista no grupo Acadêmico, que tem considerações religiosas pautadas pelo entendimento de sujeitos que vivenciam experiências católicas, católicas não praticantes, católica do círio e espiritualista. Já no grupo festa, pode-se perceber o predomínio da vinculação religiosa católica. Como poderá ser mais bem visualizado no quadro 2.

Quadro 2 – Relação dos grupos quanto às vinculações existentes

GRUPO-VINCULAÇÃO-GRUPOS		
GRUPOS	Igreja	Católico, católico praticante e ultraconservador, Cristão e espiritualista;

	Acadêmico	Católico, católico não praticante, católico do círio e espiritualista;
	Turismo/ Cultura	Católico, católico não praticante e de matriz afro-brasileira.
	Festa	Católico
VINCULAÇÕES	Católico	Igreja, acadêmico, festa e Turismo-Cultura;
	Católico não praticante	Turismo-Cultura e Acadêmico;
	Espiritualista	Igreja e Acadêmico.

Fonte: Elaborado pelo autor

É importante averiguar a relação que os sujeitos apresentam com a festividade no que diz respeito ao sentimento devocional. Foi notório o sentimento que se desprendia nos sujeitos ao falar do Círio. Em muitos [22], posso dizer, senti traços que poderia relacionar a um sentimento que se aproxima de uma devoção. Lembro que 23 sujeitos se consideraram católicos, dentro de suas variações de termos (católico, católico praticante, católico ultraconservador, católico não praticante, e católico do Círio), mas, ressalto, que Santa Teresa de Ávila e Santa Teresinha do Menino Jesus, se consideraram católicas, nas variações, de Círio e católica, especificamente, mas não devotas. Então, para essa relação com a devoção, elas farão parte dos sujeitos que não são devotos.

Assim, somente 15 afirmaram ser devotos; 05 disseram não ser devoto, até pelo fato de não acreditarem em devoção; 01 sujeito não deixou claro se era ou não devoto; 07 variaram em torno de: ser devoto de Maria Santíssima; ser devoto de Maria de Nazaré; por ver em Nossa Senhora de Nazaré algo diferente; por acreditar nas boas energias; ser escravo no amor por Nossa Senhora; ter um sentimento devocional; e, acreditar em Maria. Com isso, tem-se em síntese na tabela 4 a relação aos sentimentos devocionais.

Tabela 4 – Relação aos sentimentos devocionais dos sujeitos

RELAÇÃO DE DEVOÇÃO			
Traços devocionais	22	Afirmção da devoção	15
Não demonstração de traços	06	Variações de sentimentos	07
TOTAL	28	Negação da devoção	05
		Não soube dizer	01
		TOTAL	28

Fonte: Elaborado pelo autor

Outra informação relevante, para as relações com os sujeitos, diz respeito à motivação e ao tempo que ele vem se envolvendo com a manifestação religiosa. A frase mais ouvida diz respeito a uma vinculação com a infância [14], para pontuar o marco inicial da participação e o envolvimento com a festa. Outros disseram que iniciaram essa provável participação, quando chegaram a Belém [06], ou mesmo, quando vieram à primeira vez a cidade [01], no momento de festa. Tiveram relatos que expressaram a participação de sujeito tendo experienciado ‘a vida toda’ [01] e/ou ter sempre

participado [01]. Alguns sujeitos não souberam responder [03] e/ou mesmo não se sentiram motivados a ter uma resposta [01]. Então se tem na tabela 5, a relação de motivação e tempo, atrelado a vivência familiar, e ou experiências oportunizadas por convites para participação na festividade ou na chegada a cidade.

Tabela 5 – Relação dos sujeitos quanto à motivação e ao tempo de participação no evento

MOTIVAÇÃO E TEMPO	
Desde a infância	14
Quando chegou	06
A vida toda	01
Sempre participou	02
Por um convite	01
Não soube	03
Não respondeu	01
TOTAL	28

Fonte: Elaborado pelo autor

5 CONSIDERAÇÕES

Encaminha-se agora para a finalização deste artigo. Não se pode aqui pensar que este estudo se finaliza, com essa discussão, uma vez que não se está no fim, apenas nas considerações não finais (e/ou provisórias). O que se pôde perceber, neste trabalho, é uma caminhada reflexiva de um processo de descobertas. Visto que, uma das primeiras reflexões diz respeito ao que se foi analisada na síntese dos resultados.

Do ponto de vista metodológico, mesmo parecendo ser desenhada por uma pesquisa quantitativa, é costurada por um estudo qualitativo e exploratório, que diante da complexidade do fenômeno analisado, e alinhada com a visão sistêmico-complexa da ciência contemporânea, tem na utilização da cartografia de saberes um dos recursos científicos que contribuiu para o desenvolvimento do estudo.

Cabe agora, retomar aqui, a ideia difundida na pesquisa, que atrelou a cartografia de saberes a uma nova reflexão sobre os caminhos metodológicos do turismo vivenciado na festividade religiosa Círio de Nazaré, em Belém do Pará. Lembro que a Cartografia direcionou o estudo para pressupostos investigativos, determinados pelos ‘saberes costurados’, que especifica uma forma de olhar para o objeto de estudo, não somente para observá-lo e pesquisá-lo, mas, principalmente, para senti-lo e vivenciá-lo em sua completude e dimensão ‘trama’.

A trama cartográfica, aqui, se pautou por uma técnica de pesquisa, subdividida em quatro trilhas (saberes pessoais e teóricos, usina de produção e dimensão intuitiva da pesquisa) que se entrelaçou com a caminhada de construção das três perspectivas de análise (Imaginado, experienciado e inferido) apresentada anteriormente. Visto que, resultou, em um percurso, que no período compreendido de 13 de outubro de 2016 a janeiro de 2017, se pautou na interação com 28 sujeitos, divididos em quatro grupos, que na sua grande maioria [22 deles] apresentaram traços que se vinculam a um **sentimento devocional a Nossa Senhora**, ainda que as relações entre eles tenham mostrado diferentes denominações. Por outro lado, verificou-se a existência de sujeitos

[06] compondo a pesquisa que também fazem parte da dinâmica existente na festividade, mas que não se vinculam a esse sentimento devocional a Nossa Senhora.

Destaca-se, neste ponto, a emergência do entendimento da vinculação da religiosidade com o popular, o que pode ser percebido entre os diferentes sujeitos, independentemente da denominação ou vinculação com a instituição religiosa. Assim, percebeu-se entre eles um processo de descobertas e experiências que poderia vir a dizer de sentimento devocional.

Recordo, também, que foi (re)desenhada a ideia de turismo, pautada por um fenômeno multi-inter-transdisciplinar que se alinhou em uma caminhada na busca por pressupostos, em meio ao entrelaçamento de uma complexa costura teórica e epistemológica. Sendo que à vinculação com o turismo presente em Belém do Pará, veio mostrar que relação que se estabelece durante a festa depreendida da narrativa dos sujeitos-devotos e relacionada aos pressupostos teóricos se consolida a partir de um processo de desterritorialização e ressignificação do espaço Belém.

Essa ideia de turismo, apresentada, veio se construindo no processo da dissertação, e neste artigo pouco aparece no campo de análise dos dados, mas que é pulsante durante a festividade e na inferência da participação da mesma, em todo o contato dos entrevistados com o protocolo de pesquisa.

A reflexão aqui, voltada para o turismo, foi então pautada pelo envolvimento cartográfico de teóricos, que ajudaram, não na conceituação, mas na busca epistemológica do fenômeno supracitado, e atrelando a ele (o turismo) uma nova forma, sentido e, diria até, um novo e cuidadoso olhar.

Apesar de tudo, percebo restrições e/ou limitações nesta pesquisa, como aspectos que podem vir a ser mais bem desenvolvido em desdobramentos futuros do estudo. Mesmo apresentando discussões conceituais a respeito do turismo e de cunho metodológico, verifica-se a necessidade de ampliação da discussão existente entre a relação do turismo e do método que ser buscado para estudá-lo. Acredito que o aprofundamento da discussão epistemológica pode vir a ser uma nova e instigante forma de (re)caminhada. Esses aspectos são, na verdade, sinalizadores de potência, no meu entendimento, e, nesse sentido, poderão servir como proposição de futuras pesquisas, que poderão surgir a partir da vivência com o objeto Círio de Nazaré.

Mesmo identificando a necessidade de ampliar a discussão, o presente artigo veio a contribuir com uma nova reflexão para a ampliação do estudo e na busca por novas possibilidades, tendo a Cartografia de Saberes como um dos instrumentos de pesquisa para o turismo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a cordial colaboração de todos os entrevistados, por terem aceitado participar dessa viagem investigativa ao Círio de Nazaré e, também, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que, por meio da concessão de bolsa-taxa, colaborou com o financiamento do curso de Mestrado.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. **Os dogmas da Virgem Maria**. Portal Canção Nova, 2015. Disponível em: <<http://eventos.cancaonova.com/pregacoes/os-dogmas-da-virgem-maria/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale; LIMA, Renato dos Santos. Belém in the Pathways of Faith: World Heritage and the Amorcomtur Web!. In: HENRIQUES, Cláudia H. N.; MOREIRA, Maria Cristina; CESAR, Pedro de Alcântara Bittencourt. (Orgs.). **Tourism & History. World Heritage Case Studies of Ibero-American Space**. Braga, Portugal: Universidade do Minho, 2016, p. 484-501. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cics_ebooks/article/view/2516/2427>. Acesso em: 20 mar. 2017.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul, v.6, n.3., p. 342-355, 2014a. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2647/pdf_273>. Acesso em: 20 mar. 2015.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Desterritorialização desejanete em turismo e comunicação: traços especulares e de autopoiese inscricional. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 14, 2013, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Intercom. Santa Cruz do Sul: Intercom/UNISC, 2013. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-1557-1.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Emoção e subjetividade na paixão-pesquisa em comunicação desafios e perspectivas metodológicas. **Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, n. 4., p. 1-19, 2001. Disponível em: <<http://search.proquest.com/docview/1645875188/fulltextPDF/A8811DB9B1CC4062PQ/1?accountid=42317>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Sujeito-trama do turismo: Reflexões sobre a subjetividade contemporânea e suas implicações para a pesquisa do turismo. **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural - PASOS**, v. 14, n. 5., p. 1083-1091, 2016. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/14516/PASOS50.pdf#page=17>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 13. ed. São Paulo: SENAC, 2008.

BIBLIA, Evangelho Segundo São Lucas. **Bíblia Sagrada**: edição pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Lucas, cap. 1, vers. 27-32.

BIBLIA, Evangelho Segundo São Marcos. **Bíblia Sagrada**: edição pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Marcos, cap. 12, vers. 30-31.

BIBLIA, Evangelho Segundo São Mateus. **Bíblia Sagrada**: edição pastoral. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Mateus, cap. 2, vers. 3-6.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo e o mercado**. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasília: Ministério do Turismo, 2010a. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Segmentaxo_do_Mercado_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Tradução Roberto Cataldo Costa; consultor, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. Porto Alegre: Bookman, 2009. (Coleção pesquisa qualitativa)

GASTAL, Susana de Araújo. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005. (Coleção ABC do turismo)

GASTAL, Susana de Araújo; MOESCH, Marutschka. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007. (Coleção ABC do Turismo)

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

JOÃO PAULO II. **Mensagem do Papa João Paulo II, para o dia Mundial do Turismo**. 2000. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/tourism/documents/hf_jp-ii_mes_20000801_giornata-mondiale-turismo.html>. Acesso em: 10 de mar. 2017.

JOÃO PAULO II. **Mensagem do Papa João Paulo II, para o III dia Mundial do Turismo**. 1982. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/tourism/documents/hf_jp-ii_mes_19820927_giornata-mondiale-turismo.html>. Acesso em: 10 de mar. 2017.

LIMA, Renato dos Santos; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Reflexões Sobre a Subjetividade e o Turismo na Festividade Círio de Nossa Senhora de Nazaré, de Belém do Pará. In: SEMINÁRIO EM PESQUISA E TURISMO DO MERCOSUL – SEMINTUR, 8., Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2015. P. 53-57. Disponível em: <199d199P199://www.uces.br/site/midia/arquivos/roda_epistemologia_educacao.pdf#page=53>. Acesso em: 30 out. 2016.

LIMA, Renato dos Santos; GOMES, Cristiane Mesquita; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Reflexões sobre os Caminhos Metodológicos do Turismo no Círio de Nazaré. In: Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em turismo, 13., São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPTUR, 2016. P.1-15. Disponível em: <199d199P://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.12/DFP1/531.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

MOESCH, Marutska Martini. **Epistemologia Social do Turismo**. 2004. 504f. Tese (Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. (Disponibilizada pela autora via e-mail).

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Filosofia do turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

PANOSSO NETTO, Alexandre; NECHAR, Marcelino Castillo. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 1, p. 120-144, 2014. Disponível em: <200d200P200://www.rbtur.org.br/rbtur/article/view/719>. Acesso em: 15 mar. 2017.

PENTEADO, Pedro. **Peregrinos da Memória: o Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, 1600-1785**. Centro de Estudos de História Religiosa – Universidade Católica Portuguesa. 1, 200d. Lisboa, 1998. 427 p. Disponível em: <200d200P://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/13880>. Acesso em: 10 jan. 2017.

PERUZZO, Cicila Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2, 200d. São Paulo: Atlas, 2014. P. 125-145.

SANCTORUM. Santos Padroeiros - Lista com nome relacionado a sua proteção. Santos e ícones Católicos. Disponível em: <<http://santossanctorum.blogspot.com.br/p/santos-padroeiros-lista-com-nome.html>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

SERRA, Débora Rodrigues de Oliveira. **O processo de turistificação do espaço em santuários e eventos católicos** – uma análise sobre o Círio de Nazaré em Belém-Pa. 2014. 187f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2014.

CARTOGRAPHY OF KNOWLEDGES:
new reflections on tourism methodological pathways in the Círio de Nazaré

Abstract:

This article presents the Cartography of knowledges as one of the pathways in tourism research, involving the religious festival Círio de Nossa Senhora de Nazaré, from Belém of Pará, that object has been researched in the Master's Degree Programme in Tourism and Hospitality at the University of Caxias do Sul. This is a production linked to Amorcomtur! Study Group on Communication, Tourism, Lovingness and Autopoiesis (UCS/CNPq). The text presents an unfolding of the article 'reflections on tourism methodological pathways in the Círio de Nazaré', presented on the 13th Seminário Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), as well as the paths that have been done for the construction of the dissertation entitled 'Tourism, Hospitality and Lovingness: the subjects-devotees of the Círio de Nossa Senhora de Nazaré, in Belém of Pará'. In theoretical terms, the article want to reflect new possibilities of (re)designing tourism routes, based on a qualitative, exploratory approach using the methodological strategy of the Cartography of Knowledges, which involves contemporary and transdisciplinary research practices. In this sense, it can be affirmed that the recognition of the complex and multifaceted character of the event that has been analyzed, indicated the need to build a plural strategy, based on multiple resources, which led to a new reflection on the paths to be pursued to analyze the Círio de Nazaré.

Keywords: *Cartography of Knowledges; Tourism; Methodological Pathways; Círio de Nazaré.*

Artigo recebido em 28/06/2017. Aceito para publicação em 08/09/2017.